

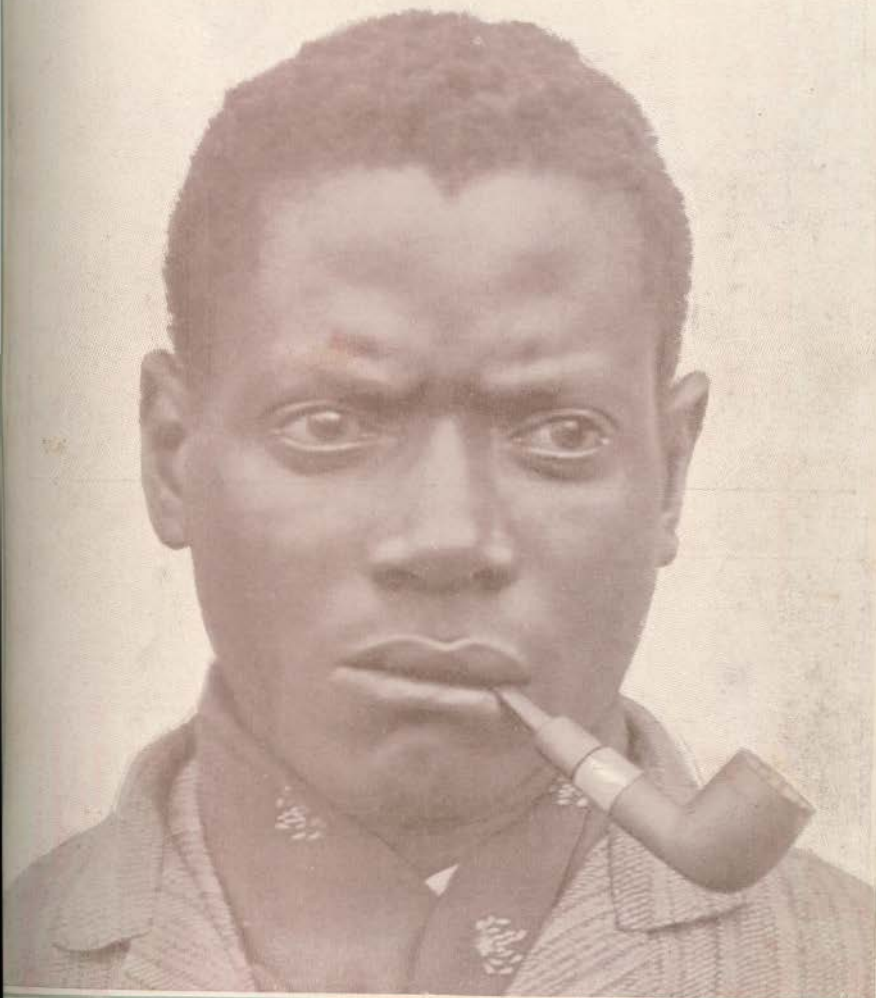
Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, Colonias e Hespanha Assignatura conjunta do Seculo, do Suplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNO.....	48000	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Semestre.....	24000	Anno.....	8000 Trimestre.....
Trimestre.....	12000	Semestre.....	4000 Mez (em Lisboa).....
			2000
			700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



Summario

Capa: UM DOENTE DO SOMNO (*cliche de Benoitel*). **Texto:** QUINTAS E SOLARES: A BORRALHA, 4 illustr. ● EM LOURENÇO MARQUES: VIAGEM DE S. A. O PRINCIPE REAL, 6 illustr. ● OS CASAMENTOS ELEGANTES, 6 illustr. ● O DUPLO «RAID» HIPPICO, 7 illustr. ● O PERCURSO DO «RAID»: SANTAREM, 15 illustr. ● VIDAGO: A BELLA ESTANCIA DE AGUAS, 20 illustr. ● A NOSSA TERRA: A ROMARIA DE MIRANDELLA, 13 illustr. ● TOURADA EM CINTRA, 12 illustr. ● CIRIOS E ROMARIAS DOS ARREDORES DE LISBOA, 8 illustr. ● MEMORIAS DO CHEFE JACOB, 5 illustr. ● FIGURAS E FACTOS, 3 illustr. ● ● ● ● ●

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª

*** RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA ***

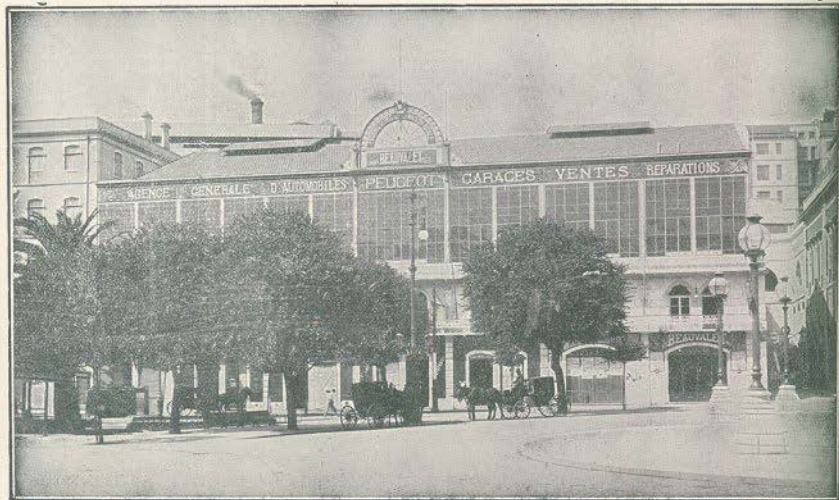
Farinha lactea

Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida nos annos em 20 e 24 dias. Garante-se que não é nociva.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.ª Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS. PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Discos Simplex de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO E MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES E EXTRAN-GEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

Discos

siva de J. Castello Branco. Preços excepçionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a

Simplex

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

No dia 1.º de Setembro de 1907 será posta em vigor a tarifa especial n.º 22 de grande velocidade — Bilhetes de identidade para viagens a meio preço em todas as linhas d'esta Companhia.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa affixada nos logaços do costume ou obtel-a por compra nas estações d'esta Companhia Real.

Lisboa, 1 de Agosto de 1907.

O Director Geral da Companhia, A. Leproux.

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!!

Remette-se com toda a discreção

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante.

Temos levado com o nosso **balsamo Mootoy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde!**

Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logaços da Africa e da Australia é o nosso **Mootoy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **Mootoy** é de 2\$545 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedio de 2 porções,

Fazemos nascer cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 e 24 dias. Garante-se que não é nociva.

uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador 300\$000 (trezentos milrs.).

Para prevenção contra as imitações e falsos nomes dios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootoy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para os mais afastados, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento destando o pagamento pelo correio no acto da entrega.



MOOTOY DEPOT Dittmar Koelster, 3, Hamburgo, 133. O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

QUINTAS E SOLARES

A BORRALHA

Na quinta da Borralha realisou-se ha pouco uma graciosa e pittoresca festa por occasião da visita a Agueda do sr. ministro dos Estados-Unidos da America do Norte, que ali foi hospede no antigo solar. As illustrações que acompanham este artigo, e que podem dar uma idéa da belleza e encanto d'aquella magnifica e fidalga vivenda, são reproduções de photographias então tiradas.

Entre Minho e Douro havia bastantes solares illustres e afamados, de velha prosapia e opulencia, quasi todos da mais extrema nobreza, meticulosamente desindada pelos linhagistas, que n'aquella provincia abundaram mais que em qualquer outra. Com as mudanças fataes que o tempo produz, porém, estão hoje muitos d'elles abandonados e transformados em ruinas, tendo outros passado dos seus primitivos proprietarios para a posse dos modernos barões da industria e do commercio. Nos romances de Camillo encontra-se admiravelmente descripto esse terremoto social, que subverteu a provincia interamnense, mas a que escaparam ainda algumas casas de authentica tradição, que continuam conservando, a encimar-lhes e garantir-lhes a ancianidade das frontarias, as suas pedras brasonadas.

A casa da Borralha foi sempre considerada uma das mais prestigiosas e ricas do lado duriense, como os seus fidalgos donos se mantiveram inalteravelmente modelos primorosos de todas as qualidades proverbiaes da antiga aristocracia portugueza.

A grande propriedade solarenga fica na pequena aldeia da Borralha,



O palacio da Borralha

situada na margem esquerda do rio Agueda, em frente á villa do mesmo nome. O palacio é uma residencia verdadeiramente sumptuosa, com bonita capella e cercada por um jardim artisticamente delineado e plantado com fino gosto e por uma magnifica e optima quinta, que lhe constituem um bello fundo



ma que ali se pode viver. E semelhante desejo accresce naturalmente n'este periodo de calor estival abafadiço, que estamos supportando.

Pertencia á casa da Borralha um dos nosos mais delicados e gentis poetas parnasianos cujos versos foram lidos com o mais



de quadro campestre. Poucas das casas opulentas da provincia apresentam um tão agradável aspecto, pela sua harmoniosa decoração de arvores e de flores, pela elegante simplicidade da sua architectura, pela graça dos seus arredores. Deante da illustração, que reproduz a frontaria da casa oa Borralha, como deante das estampas da *Country Life* ou da *Fermes et Chateaux*, que reproduzem as encantadoras vivendas de campo inglezas e francezas, experimenta-se uma attracção irresistivel da vida pacifica e cal-

aprazivel encanto e que foi amado por quantos conheceram o seu espirito seductor e o seu caracter nobilissimo. Era Fernando Caldeira, filho do primeiro visconde da Borralha, o amavel e doce cantor das *Mocidades*, o poeta dramatico da *Mantilha de renda* e da *Madrugada*, o burilador requintado de preciosas joias lyricas, rico de inspiração original, de uma grande frescura ingenua, e ao mesmo tempo de uma melancholia muito suave, que representava exactamente o feittio da sua alma, sempre perdida n'um so

A sr.^a condessa da Borralha



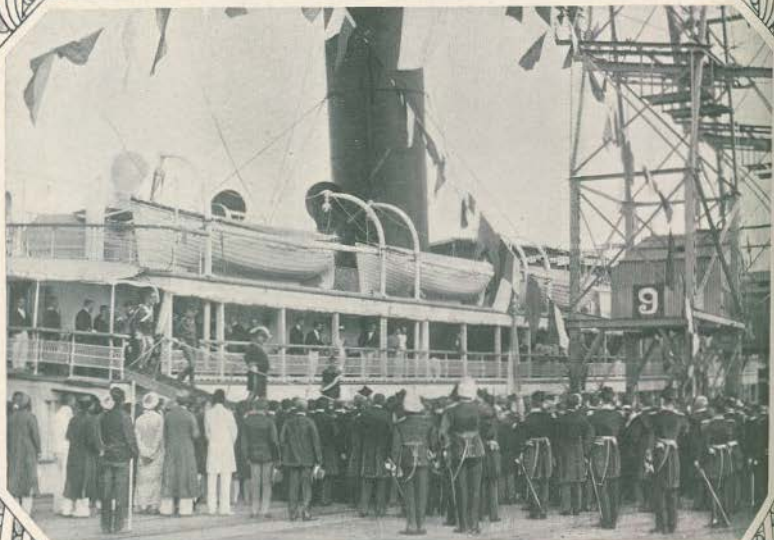
nho vago de indefinida idealidade. Foi n'aquelle delicioso parque da Borralha, á sombra amiga das arvores familiares, que Fernando Caldeira escreveu algumas das suas bellas composições, e ali que devaneou a maior parte dos seus sonhos de poeta; a sua amovel recordação deve ainda conservar-se viva por aquellas aleas do jardim, que elle tantas vezes percorria, solitario, entregue ás suas tristezas vagas, e é provavel que nas noites luarentas e silenciosas a toada rumorosa das frondentes ramarias reproduza a musica delicada dos seus versos.



A cascata do jardim da casa da Borralha—A sr.ª condessa da Borralha, seu filho o sr. Francisco Caldeira e o sr. Page Bryan

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

·S. M. LOURENÇO MARQUES· ·VIAGEM DE S. A. O PRINCÍPE REAL·



As photographias, que inserimos hoje, referentes á visita de Sua Alteza o Príncipe Real a Lourenço Marques, completam, no que respeita aos pormenores da recepção, a serie de que encetámos a publicação em um numero antecedente.

Entre as festas oferecidas a Sua Alteza figurou, como era justo, um batuque indigena, que certamente deve ter despertado particularmente a curiosidade do Príncipe, pela novidade do seu espectáculo característico. Já tínhamos dado aos leitores o aspecto de uma d'essas grandes assembléas mu-



*Desembarque de S. A. no caes Gorjão
—Passagem do cortejo na Avenida Teixeira de Souza*



Festa das crianças: exercicios de gymnastica pelos alumnos das escolas 1.º de Janeiro, Districtal e Industrial

sicaes em Lourenço Marques, e, como complemento de informação, apresentamos hoje um grupo de pretos que tomaram parte no batuque festivo.

As outras photographias reproduzem aspectos do desembarque do Principe no caes Gorjão e da passagem do cortejo na bella avenida Teixeira de Sousa.



Festa das escolas no Gremio Militar: grupo de professores, (da esquerda para a direita), na primeira fila: tres irmãs de S. José de Chamy com a superiora Maria Francisca (Instituto D. Amelia); sr.ª D. Judith Serra (Escola 1.º de Janeiro); mademoiselle Molina

(missão suissa); na 2.ª fila: sr. José Cardoso (Escola Districtal), Padre Lima (S. José de L'hangene), rev. Junod (missão suissa), Padre Matos (S. José de L'hangene), Solipa Norie (Escola 1.º de Janeiro), Pierre Lore (missão suissa), Hagee Hissa e Salde Xerifa (Escola Mahometana); na 3.ª fila: Padre M'kise (missão anglicana), Padre Moseley e Padre Herbert Bishop (missão westevana), Padre Figueiredo (missão do Infalene); e na 4.ª fila: dr. Antonio de Soveral, presidente da commissão organizadora da festa; Padres Ribeiro e Monteiro (Escola Parochial) e mr. Tribolet (missão suissa)



A recepção feita a Sua Alteza na nossa florescente cidade sul-africana foi, pois, cordealíssima e entusiástica. A colonia nacional, que ali trabalha e tem feito de Lourenço Marques um importante centro de actividade e commercio, quiz decerto demonstrar com ella, ao herdeiro do throno, quanta fé e esperança em melhores dias inspiram os seus esforços, e quanto o paiz inteiro deve confiar no futuro das suas colonias como base de uma restauração economica.



Indigenas que tomaram parte no batuque
 — Acampamento dos indigenas em Lourenço Marques (sítio onde fazem a comida)

(CLICHÉS DO SR. J. M. LAZARUS.)

OS CASAMENTOS ELEGANTES



O casamento da sr.^a D. Bertha Ramires Villaça com o sr. tenente José Marques Nogueira
Os noivos—O sr. conselheiro Eduardo Villaça com sua filha pelo braço—Um grupo da assistência
—O noivo com o padrinho sr. conselheiro Pereira dos Santos—As sr.^{as} D. Julia e D. Henriqueta Seabra de Castro.
Ao fundo o sr. conselheiro Dias Costa—As irmãs da noiva

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

O DUPLO RAID HIPPICO



Anverso da medalha



Simões d'Almeida (Sobrinho)



Reverso da medalha

A reputação do sr. Simões d'Almeida Sobrinho como medalhista está de ha muito estabelecida por trabalhos que lhe tem grangeado o applauso convicto de todos os entendidos.

O seu modelo para as medalhas de ouro que algumas camaras municipaes e commissões locais decidiram distribuir como premio aos concorrentes do *raid*, pela elegancia sobria do seu desenho, não faz mais que confirmar o alto e consagrado merito do joven artista, que tão talentosamente o soube conceber e executar.



Egua russa 3 quartos de sangue inglez e meio sangue arabe pela mãe

O interesse despertado pela prova do *raid* hippico promovido pela *Illustração Portuguesa* continua augmentando constantemente, começando-se com grande enthusiasmo os preparativos para o nosso grande concurso.

Ha dias chegaram a Lisboa duas eguas e um cavallo inglezes, adquiridos pelo illustre *sportsman* sr. conde de Fontalva, que destina um d'esses magnificos animaes para premio aos concorrentes do *raid* e outro a realizar a respectiva prova, devendo o terceiro entrar no concurso das Caldas da Rainha.



Egua ingleza pur-sang



Cabeça de egua pur-sang

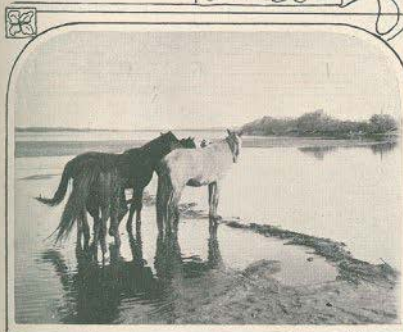


Cavallo pur-sang, destinado a tomar parte no *raid* (CLICHÉS DE BENOLIEL)



O PERCURSO DO RAID

SANTAREM



constituem, por isso, um atractivo constante.

Não precisam, pois, descripção especial os sitios que as photographias, que hoje publicamos, reproduzem. Mas não deixaremos de contar, em todo o caso, a lenda interessantissima de Santa Iria, cujo obelisco, existente na Ribeira, vae tambem representado em uma das nossas illustrações, por ser ella uma das poucas lididamente de origem portugueza.

O romance popular difere inteiramente da historia orthodoxa da vida da santa, e Garrett, com o seu fino sentimento artistico, já fez a este respeito algumas observações curiosas, ficando, contudo, indecisa entre ter sido «o povo que se esqueceu nas suas tradições, ou os frades que augmentaram, nas suas escripturas». Fóra da litteratura especial do Flos Sanctorum, a lenda monastica vem relatada na *Historia ae Santarem edificada* e em outras obras semelhantes.

SANTAREM, que fica, por assim dizer, a dois passos de Lisboa, — 84 kilometros, é a penultima étape do Raid hippico promovido pela *Illustração Portuguesa*.

Todo o lisboeta conhece a pittoresca cidade do centro da Extremadura, que é um dos seus pontos usuaes de digressão, e os que a não conhecem ainda de a ter visitado, conhecem-na, ao menos, da leitura da graciosa viagem de Garrett, onde são celebrados os maravilhosos olhos verdes da Joanninha. A velha sentença:

Quem vae a Santarem,
Burro vae e burro vem,

caiu em desuso, tendo perdido o seu sentido pejorativo, pelo esquecimento da allusão politica que continha, e a referencia do dictado á imaginosa difficuldade da travessia dos olivacs de Santarem. Apesar d'elles effectivamente se dilataram muito extensamente por valles e outeiros, é evidente que já não assusta ninguem. O bello panorama da cidade, — cuja parte mais nobre fica assente no alto de um monte, cortado quasi perpendicularmente sobre o valle occupado pelos outros bairros santarenos, — e a formosura dos seus arredores,



Panorama da cidade—Egreja

—Sítio do Reguengo

—Convento de Almoester

Floresceu Iria em meados do VII século. Menina e moça, apesar de nobre, rica e formosa, foi acolher-se no claustro. Esposa virgem do Senhor, e toda redolente dos perfumes mysticos da castidade, ahí mesmo a foram acometter, porém, as paixões mundanas, a cujo fogo impuro a sua alma fugira. Das suas graças e belleza se captivo primeiro um mancebo chamado Britaldo, de nobre estirpe como ella, e de guapo porte; mas não a demoveu com os desvairamentos do seu amor. Mais tarde foi



daver foi lançado, em seguida ao crime, ao rio Nabão, d'onde passou ao Zezere, e d'este ao Tejo, indo afinal parar defronte de Santarem. Os anjos fabricaram um tumulto de marmore á santa, sob as aguas do rio, mesmo em frente da antiga Scalabis-Castrum; mas, como era construção feita sobre a areia, a esse facto se deve attribuir o já não existir lá. Quanto aos tres culpados, foram a Roma fazer penitencia. Não deve ter ficado muito cançada, decerto, a imaginação fradesca que bordou primeiramente



um religioso, de nome Remidio, em quem a mocidade e a gentileza de Iria despertaram desejos concupiscetes. Resistiu, igualmente, a piedosa donzella, mas o frade libidinoso, irritado e ardendo em ancias pouco christãs de vingança, ministrou-lhe peçonha, que lhe produziu inchão das pernas, dizendo em seguida que a joven monja andava gravida. Peçonha? Fala figuradamente, decerto, o escriptor eclesiastico. Seria, talvez, a peçonha da calumnia. Seja como fôr, o certo é que o primeiro amante deu credito a essa versão, e, despeitado, mandou degolar a virgem por um criado chamado Banam. O seu ca-

te esta lenda inesthetica.

O romance popular é mais humano e muito mais pittoresco. E' desnecessario reproduzilo aqui porque é geralmente conhecido:

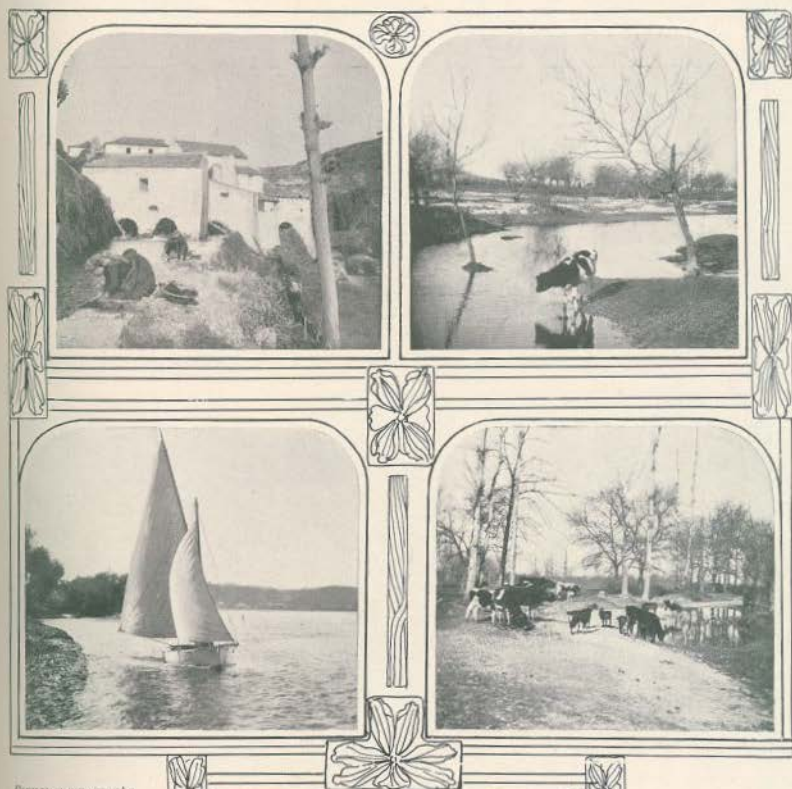
Estando eu cosendo
Com um dedal de
prata...

Suppõe um escriptor ser a legenda monastica a verdadeira legenda de Santa Iria da Estremadura, e a sacara pertencer a Santa Iria do Minho, irmã do papa S. Damaso, natural de Guimarães, o qual floresceu no século IV. A Santa Irene irmã do papa portuguez, e que tambem se afirma ter nascido aliás na Idanha, tambem não pos-



Ribeira: obelisco de Santa Iria—Panorama d'uma parte da cidade

—Um recanto do mercado



*Pernes: uma azenha
— Sítio do Reguengo*

sue nenhuma semelhança com a do romance popular. D'esse nos conta, com toda a sua indiscutível auctoridade, o bom Frei Luiz dos Anjos, no seu florido *Jardim de Portugal*: «Foi com seu irmão a Roma de terra idade, aonde viveu poucos annos, dedicada a Deus, e assim é das primeiras portuguezas que vemos claramente religiosas, ainda que não consta haver estado em mosteiro, senão que era das que vivem em sua casa, deixando as cousas do mundo, e abraçando



Porta da sala dos officiaes no quartel de artilharia 3

Dois aspectos de' Reguengo

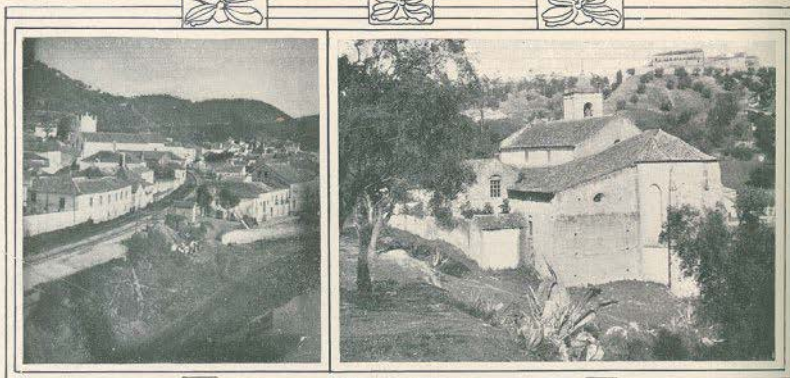
as monasticas, como é fazer profissão solemne, trazer habito religioso, fugir de ajuntamentos profanos, guardar alguns santos institutos por obrigação: pelo que não chegou a cumprir vinte annos de idade...» Nenhuma das duas Irias canonizadas condiz, pois, com a do romance, a não ser que este seja realmente a de Britaldo — com as escripturas augmentadas pelos frades.

Pouco monta, de resto, que seja uma ou outra d'ellas a Santa Iria das versões populares, nem que esta se-

ja, como querem uns dos seus hagiographos, natural de Leiria, ou, como querem outros, de Thomar; o certo é que é a popular a que é padroeira de Santarem, e que o romance é, como dissemos, um dos poucos do nosso romancieiro que parece ter origem nacional, como o outro, esse historico, do principe D. Affonso, havendo, contudo, ainda assim, quem os considere apenas, ambos,



por escripto, assignado com o proprio sangue do apostata, a forma por que o feiticeiro brilhou pela sabedoria em Paris, os seus encantamentos e operações de magia, o episodio do cavalleiro que lhe appareceu e apontando-lhe a espada ao peito o admoestou a que mudasse de vida, e, finalmente, a recuperacao do contracto demoniaco porão m da Vir-



Ribeira: egreja de Santa Maria

Panorama da Ribeira

velhos romances já preexistentes, que foram apenas adaptados a acontecimentos e personagens locais. Fora de Portugal, em todo o caso, só o contam no Brazil e na Galliza na sua forma actual.

Santarem tem geitos de ser terreno privilegiado para lendas de santos. S. Frei Gil, que fez pacto com o diabo e depois se converteu, representante genuino do Fausto em Portugal, era de Santarem. Todos lhe sabem as aventuras estranhas: como o pacto foi feito



Ponte e viaducto—Um carro atravessando a Ribeira
(CLICHÉS DE JOSÉ OSÓRIO)

gem. Os ossos do santo tiveram por muito tempo a sua sepultura no convento dos dominicanos, mas, quando os frades foram expulsos das suas casas em 1834, receando que fossem profanados, mão piedosa recolheu-os secretamente e mais tarde sahiram de Santarem, a quem hoje resta só, portanto, o tumulo de Santa Iria, sob as aguas do Tejo.



VIDAGO

A BELLA ESTANCIA DE AGUAS

HA varias aguas minero-medicinaes que ninguem sabe dizer porque é que possuem uma determinada potencia curativa, que se manifesta em effeitos therapeuticos de fama tradicional e averiguada. Mas com as aguas de Vidago não succede assim. A sua hypermineralisação e em especial a sua riqueza em bicarbonatos explicam perfeitamente a antiga nomeada e prestigio que adquiriram, ou antes, os milhares de curas e beneficios que lh'os estabeleceram. As outras são como os remedios secretos, cuja composição desconhecida deve sempre inspirar uma confiança incerta; as de Vidago,



Bebendo na fonte de Vidago

—Vista geral de Vidago

—A capella da povoação de Vidago

pe lo contrario, são assimilaveis aos medicamentos que figuram no formulario com a descripção dos seus componentes chimicos e que podem, portanto, usar-se com inteira segurança e certeza de resultado.

Não admira, pois, o enorme consumo que tem por toda a parte a agua de Vidago, nem a numerosa concorrência que todos os annos ocorre ao seu solar transmontano. De mais, é sabido que nas curas hydro-mineraes a belleza e a paizagem do sitio influem grandemente; e, sob este ponto de vista, a pequena povoação de Vidago, pittorescamente assentada n'uma encosta, que fica fronteira ao feracissimo e gracioso valle de Oura e



cercada de montes admiravelmente arborizados, encontra-se n'uma situação privilegiada. No cimo da encosta ha um morro do qual se disfructa o mais formoso e variado panorama que pode conceber-se. E' ahí, por signal, que ficará o novo e grandioso hotel, dotado das mais aperfeiçoadas e modernas condições de commodidade, que a Empresa das aguas mandou construir, e cuja comunicação com as nascentes situadas na base



Casas e typos populares de Vidago

— Uma rua da povoação

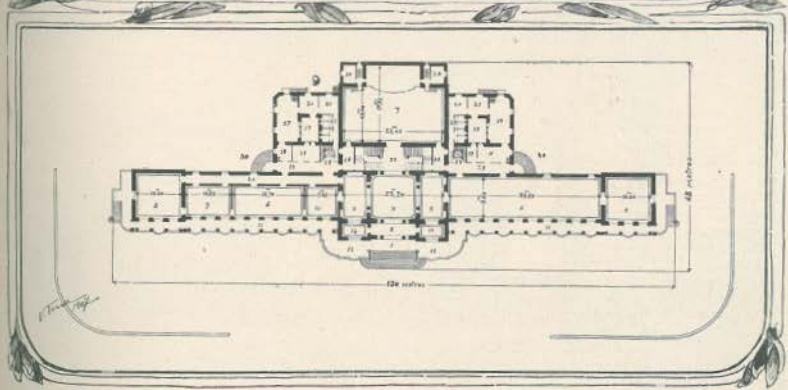
— Vendedor de fructa

Legenda da planta (andar principal)

1. Entrada principal.
2. Portico da entrada.
3. Vestibulo principal tomando dois pavimentos.
4. Table d'hotel, tomando dois pavimentos e com galerias.
5. Salão da Table d'hotel, idem.
6. Café restaurant.
7. Sala de festas, tomando tres pavimentos.
8. Salão.
9. Sala para senhoras.
10. Sala de espera.
11. Terraço coberto.
12. Terraço descoberto.
13. Maître d'hotel.
14. Gabinete medico.
15. Administração.
- 16, 18. Copa com monte-plats.

17. Cozinhãs da table d'hotel e café-restaurant
 19. Puleos.
 - 20, 21. Servicos gerais.
 22. W. C. e lavatorios.
 23. Escadas de serviço com elevadores.
 - 24, 29. Comunicação.
 25. Vestibulo e escadaria principal.
 26. Vestuario e servicos gerais.
 27. Pessoal.
 28. Camarinha.
 30. Entradas especiaes para os hospedes que chegam de novo, para malas, etc.
- No andar inferior ficam as cochrinas, garages, estufa de desinfecção, rouparias, adegas, despensas, grandes depositos, quartos de serviço, etc.

Nos andares superiores ficam as salas de leitura e de escripta; capella, galeria e terraços sobre a sala da table d'hotel; tribunas sobre a sala de festas e vestibulo principal; aposentos completos para familias, com casas de banho, toilette, etc., e quartos para cerca de 400 hospedes.



Alçado do novo hotel
 — A montanha em cuja base brotam as águas minerais de Vidago, e em cujo cimo vai ser construido, no ponto assignalado por uma cruz, o grandioso hotel
 — Planta do novo hotel

da montanha será feita por meio de tramways electricos que devem funcionar permanentemente.

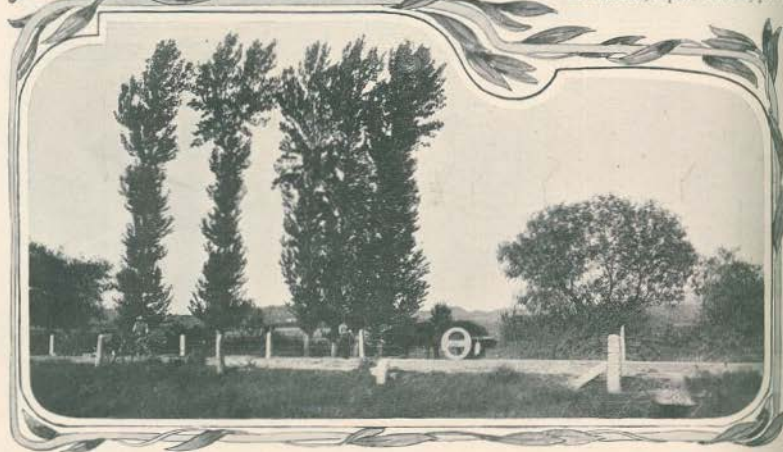
O arvoredo que veste os montes circumvisinhos é composto de castanheiros, que, como peculiarmente ocorre nas regiões montanhosas, apresentam extraordinario vigor e desenvolvimento, toldando com as suas frondes pujantes largas extensões. São gigantes do reino vegetal, que despertam o assombro pela sua grandeza, e o respeito pela sua idade secular. Uma das photogra-



Descida da Regoa

phias que hoje publicamos representa um d'esses colossos extraordinarios, cujo tronco enorme só pode ser abarcado por cinco pessoas.

As outras photographias da nossa série dão bem idéa da paizagem d'aquelle trecho de Traz-os-Montes, com a sua belleza propria e caracteristica. A descida da Regoa offerece um encanto excepcional, em que os olhos se prendem indefinidamente. E já que falámos, accidentalmente, n'esta parte do paiz vinhateiro do Douro, parece que não virá fóra de proposito dizer que o solo de Vidago é tão abençoado e prodigo que, além das suas aguas de prodigiosas qualidades therapeuticas, produz tambeminhos preciosos, entre os quaes os celebrados e afamadissimos da Ribeira d'Oura. O passeio a Sabroso, a 45 minutos de caminho de carruagem, é interessantissimo pela graça original da estrada, e pelo feito tipico



O bispo do Porto á porta do Grande Hotel de Vidago

—Estrada real perto de Sabroso

do pequeno logarejo, onde existe, para os que apreciam as recordações historicas, o tumulo de Macdonell assassinado perto d'ali por occasião das luctas civis que ficaram com o nome de Maria da Fonte. As margens do Oura são graciosas e as do Tamega excedem-nas. Este ultimo é ainda aformoseado pelas ilhotas turgidas de vegetação que das suas aguas emergem.

Uma das nossas illustrações mostra a estalagem do Currico, typo caracteristico das hospedarias transmontanas. Quem leu já o *Esqueleto* de Camillo Castello Branco conhece certamente de nome a estalagem do Currico, que o glorioso mestre nos descreve n'esse romance. Pareceu-nos, e supponho que o leitor concordará em que nos não pareceu mal, ser conveniente conservar lembrança pela photographia da celebrada estalagem. Eil-a ahí está tal qual é ainda hoje, e tal como parece disposta a persistir ainda por muitos annos.

Outros pontos de redondeza servem igualmente para magnificos passeios, que a colonia veraneante nunca deixa de organizar, e em nenhuma d'essas digressões



*O inverno e a primavera no Vidago
— Vista da 'reguezia de Oura
— Tristezas não pagam dividas*

os olhos deixam de achar agradável repasto na contemplação de algum trecho da paisagem local, por vezes severa e rude, mas tantas outras cheia de indiscutível encanto e garbo, e sempre mantendo o caracter da belleza especial e propria da provincia transmontana.

Além da natureza, os habitos e os costumes despertam tambem um vivo interesse ao forasteiro intelligente. A vida regional tem feições que a destacam completamente da das outras partes do paiz. O transmontano tem o seu feitio, inconfundivel com o do minhoto, com o do algarvio, com o do alemtejo, com o de todos os outros homens de Portugal.

Não se aborrece, pois, quem vai fazer a sua cura a Vidago, e se são bastantes os que lá concorrem actualmenie todos os annos, atrahidos pela merecida fama dos seus mananciaes, muitos mais serão de certo quando a construcção do hotel trans-



formar por inteiro, como não pode deixar de acontecer, aquella estancia balnear.

O Grande Hotel de Vidago era já um dos melhores e mais sumptuosos estabelecimentos do genero existentes no paiz; mas o edificio que vae ser agora construido, e que ficará correspondendo ao que de melhor se tem feito nas grandes e mais ricas e luxuosas estancias thermaes estrangeiras, será sem duvida, unico e sem rival no paiz. O projecto é do illustre architecto Ventura Terra, a quem a moderna Lisboa deve algumas das suas mais lindas construcções, e a reproducção d'elle, que apresentamos aos leitores da *Illustração Portuguesa*, basta para mostrar, desde já, que o talentoso artista fez mais uma vez uma bella obra, verdadeiramente á altura dos seus creditos e do seu merito. O novo hotel do Vidago será, como se vê, um edificio realmente monumental, sobrio nas suas linhas architectonicas, mas de uma elegancia de bom gosto, que difficilmente poderia ser excedida.



Carro transmontano

—A ponte sobre o rio Oura

—Um gigante secular; são precisos cinco homens para aburar o tronco d'este castanheiro colossal



Para os leitores que poderiam accusar-nos de nada dizer n'este artigo sobre as virtudes das aguas, — o que seria realmente uma omissão, — acrescentaremos que são cinco as fontes das aguas alcalinas, bicarbonatadas sodicas e lithicas, todas fortemente gazozas, que existem no Vidago, cada uma com a sua especialização particular, como indica a seguinte informação suitorisada do distincto clinico do estabelecimento, o sr. dr. Azeredo Antas:

«Assim, Vidago, conhecida pela Vichy portugueza, é notavel pela grande quantidade de bicarbonato de sodio e de lithio e, mais que tudo, pela sua mineralização total, que, sendo na cifra de aproximadamente 7 grammas, torna esta agua *isotonica* do soro sanguineo.

A agua de Vidago n.º 2 é aquella que mais se aproxima de Vidago e excede ainda em mineralização todas as outras aguas alcalinas de Portugal e Hespanha.

Mas novos principios a analyse nos revella,

que não se encontram na maioria das suas congeneres. Referimo-nos aos boratos brometo, iodeto e fluoreto de sodio, que n'esta agua apparecem em doses ponderaveis. O *fluoreto de sodio*, então reveste n'esta agua, fortemente alcalina, importancia especial e traz-lhe indicações particulares.

Na agua de *Villa Verde*, alcalina media, é para notar a grande quantidade da anydrido carbonico livre e ao mesmo tempo a tenuissima percentagem de chloretos.

Outra especialisa-se pela quantidade relativamente grande de bicarbonato de ferro, de bicarbonato de manganéz e ainda de arseniato de potassio. E' pois uma agua alcalina, ferruginosa e arsenical.

Sabroso, assignala-se como agua alcalina branda, de sabor mais que todas agradável, muito gazosa, com pequena percentagem

de ferro e extremamente equilibrada na sua composição chimica.»



A Estalagem do Currico
—O conselheiro João Arroyo saindo da fonte de Vidago
(CLICHÉS DE BENOLIEL.)

A NOSSA TERRA

A romaria de Mirandella



Tua é um rio hespanhol, que na sua terra nativa se chama Tuano, e depois de fazer n'ella um percurso de 40 kilometros entra por Portugal dentro, onde se engrossa com o Tuella, o Rabaçal e outros ribeiros menores, percorrendo assim mais 80 kilometros. E' um bom rio, sério e trabalhador como a honesta gente da Galliza, que, seguindo lhe o exemplo, emigra tambem para cá: as suas aguas correm regando grande numero de terras e servindo de motor a muitos moinhos lagares de azeite e pisões.

E' na sua margem esquerda, assentada sobre uma pequena elevação, que fica situada Mirandella, a graciosa villa do centro de Trazos-Montes, supposta fundação de um emir arabe e, em todo o caso, de antiquissima origem. Junto d'ella, o Tua, que já de tres kilome-



A* janella do sr. visconde de Bouça.
— A* porta do sr. visconde de Bouça: El-Rei
photographando a multidão

tros acima vem reunido com os seus dois principaes tributarios, absorve mais o Lobos e o Mercê, passando caudaloso sob a extensa ponte de cantaria, attribuida aos romanos, e que liga a villa com a aldeia da Golfeiras na outra margem.

Os seus formosos rios fecundam-lhe a terra, tornando Mirandella uma veiga fertilissima. Os seus montes estão cobertos de opulenta vegetação, que serve de couto á caça. Apresenta, por isso, aos forasteiros alguns dos mais admiraveis e pittorescos quadros da paizagem transmontana, que, quando lhe dá para ser bella, o é sem rival. Lá diz a cantiga popular:

Mirandella, Mirandella!
Mira-a bem ficarás n'ella.
Quem Mirandella mirou
Fm Mirandella ficou.



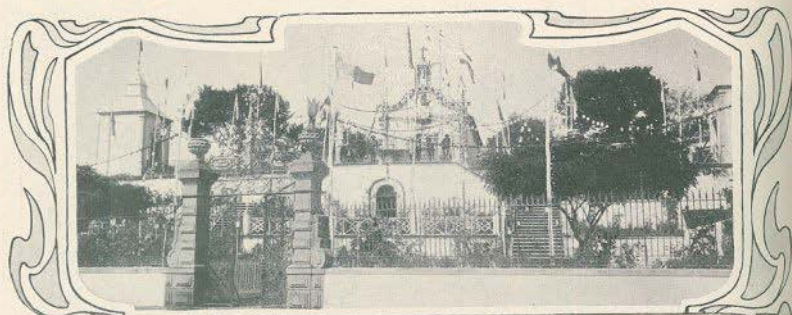
Esperando El-Rei



Mirandella é também a sargaria tradicional de Traz-os-Montes, tendo sido afamada n'outros tempos pela sua produção de sedas e sendo ainda hoje o centro inicial da moderna regeneração sericícola do paiz, devida principalmente aos esforços inteligentes e dedicados de um agronomo illustre e cheio de patriotismo, o sr. Menezes Pimentel. E' pela sua von-



Canas municipais do districto, com os seus estandartes, dirigindo-se na ponte, ao encontro de Sua Magestade — O aúdor da Senhora do Amparo — Edifício da camara municipal



tade persistente e tenaz que o bicho de seda começa a augurar um novo periodo de florescimento á provincia transmontana, podendo hoje a estação agricola de Mirandella, collocada sob a sua direcção, fornecer em larga quantidade semente seleccionada. Os trabalhos de criação e selecção do *Bombyx mori* n'aquelle es-



O sr. visconde de Bouça e outras personagens importantes da localidade

A capella da Senhora do Amparo — Praça da Camara, vendo-se ao fundo a casa do sr. conde de Vinhaes

Os Tavoras eram donatarios de Mirandella e possuiram na villa um magnifico e sumptuoso paço, cujo braço senhorial foi picado pela mão do carrasco, por occasião da sua cruel condemnação como auctores do attentado contra a vida de El-Rei D. José. As ruinas da casa fidalga, destelhada e malbaratada, estiveram mais de um seculo entregues ao mais completo abandono; hoje, porém, o velho palacio encontra-se restaurado, servindo de quartel, e constitue um dos edificios locais mais interessantes, não só pela sua importancia como pela sua historia.

Uma das romarias mais celebres e concorridas de Traz-os Montes é a de Nossa Senhora do Amparo de Mirandella, que se realiza todos os annos em 3 de agosto. De todas as redondezas acodem n'esse dia os devotos, que passam a noite no arraial em bailados e descantes. A festa d'este anno assumiu um grande e excepcional esplendor, que foi accrescido pela visita de El-Rei. Os mesarios da confraria esmeraram-se, e os pyrotechnicos de

tabecimento são, pela maior parte, realizados por mulheres, que chegaram inclusivamente a aprender a manejar o microscopio para a analyse das sementes.



Vianna e da Ponte da Barca, que são afamados, fizeram prodígios. As iluminações foram deslumbrantes, sendo especialmente o efeito das margens do rio verdadeiramente feérico.

Não admira, por isso, que El-Rei ficasse agradavelmente impressiona-



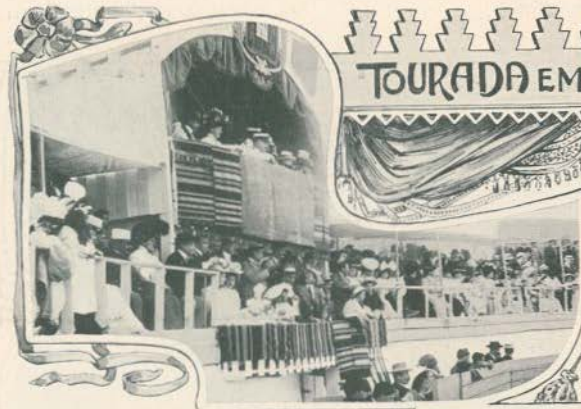
do com o espectáculo que contemplou em Mirandella, pelo inusitado pittoresco, e que transmittisse ao sr. visconde de Bouça, a cujo convite visitou a villa, nos termos mais amáveis essa lisongeira impressão.

O Tua em frente de Mirandella—Lavadeiras sob um dos arcos da ponte—No Tua: enchendo os cantaros e carregando a água do rio

(CLICHÉS DE CARLOS PEREIRA CARDOSO)

TOURADA EM CINTRA

que tanto nos ufanamos, sem por isso, valha a verdade, concorrermos mais para a aperfeiçoarmos. Não queremos assumir, por nossa parte, a responsabilidade de contestar-o, visto que tantas pessoas illustres o afirmam; mas não podemos também deixar de dizer que foi nas praças de touros, nas luctas epiras



Não ha espectáculo que seja mais genuinamente portuguez, mais acomodado ao gosto da nossa gente, do que são as touradas. Para se ter a convicção d'isso basta entrar em qualquer praça



das antigas corridas portuguezas, que se educavam em lições de coragem e brio os infantes e cavalleiros que tão nobremente iam depois batalhar com mouros e infieis, dando ao mundo o exemplo incomparavel da valentia e heroicidade.

n'uma tarde de corrida. O interesse empolgante que a todos os espectadores despertam os episodios da lucta, o entusiasmo com que são acolhidas as sortes artisticamente executadas, a agitação extraordinaria e a alegria estufiante, tão fora do nosso genio e tão diversa do nosso caracter, que se transmite e propaga em todos os espiritos, denunciam immediatamente que é aquelle o divertimento predilecto e favorito do nosso povo. Dizem muitos que uma corrida se parece sempre com outra corrida, e a lide de um touro com a lide do que o precedeu e do que se lhe segue na mesma tarde. Mas esses são os profanos, os barbaros, incapazes de comprehender as variantes da belleza que o combate oferece. Póde afigurar-se aos seus olhos sem conhecimento e experiencia da arte que não ha diferenças, e comtudo as peripecias que se desenrolam e reproduzem no redondel são sempre novas e originaes, dissemelhantes entre si, cheias de indito e de imprevisito.

E' possivel que as touradas sejam um espectáculo talvez um pouquinho em desacordo com a civilisação de



O camarote real
—Um grupo de juvenis espectadores
— Nas bancadas
—O cavalleiro agradecendo

neficio da Misericórdia local, que a nossa série de photographias reproduz, é a prova absoluta do que acabamos de afirmar.



A verdade, que deve porém dizer-se, é que, apesar de todas as eloquentes obargatorias contra o espectáculo barbaço, que a cada passo nos assediava os ouvidos, quer seja em Lisboa, na praça do Campo Pequeno, quer seja em Cintra, em Almada, ou em outra povoação



dos arredores, o dia de uma tourada representa sempre um dia de verdadeira festa e regosijo populares. Os aspectos da ultima corrida realisada na praça de Cintra, em be-

Membros da commissão promotora da tourada—Uma sorte de cavallo—As corizas—Uma pega—Agradecendo—Uma sorte de bandarilhas

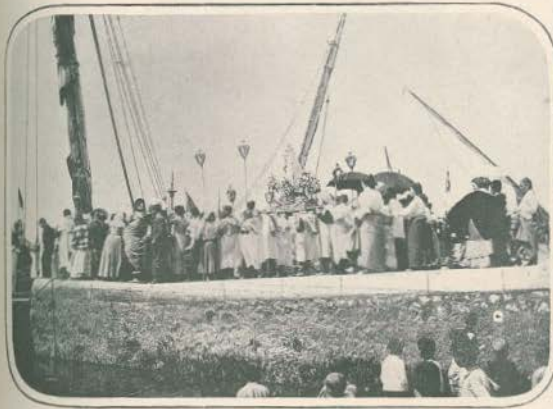
(CLICHÉS DE BENJELIÉ)

CIRIOS E ROMARIAS DOS ARREDORES DE LISBOA



O Senhor da Serra em Bellas

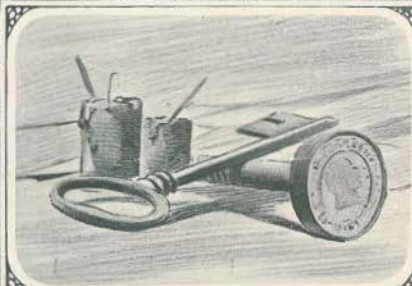
*A Pedra Alta, na quinta do marquez
— O obelisco*



Os barbeiros de Lisboa que protestam contra a lei do descanso semanal—Armado de ponto em branco para a romaria
 —Na quinta de Bellas—Um casal deromeiros
 —O embarque do cirio da Atalaya—Uma devota do Senhor da Serra

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

MEMÓRIAS DO Chete Jacob



A chave da porta, a chave do mysterio

(CONTINUADO DO N.º 79)

Não seria o *Abade* um intermediario e o *Pera de Satanaz* não estaria, por esta vez, innocente?!

E para que serviria então aquella chave?! Para que a queria eu se não era facil, se era mesmo impossivel descobrir a fechadura a que ella pertencia!...

— Mas encontrou, sr. Jacob?!

— Meu amigo, encontrei a casa entre todas as de Lisboa e encontrei o cumplice e tive pena d'elle, juro-lh'o!...

— Do cumplice d'esse homem?!

— Sim... Vae vêr... E' uma dolorosa historia...

— E como ponde entre tantas casas achar a que desejava?

— Escute... E' este um dos serviços que eu fiz, como lhe disse, com mais ancía... E como contar-lhe o caminho que segui?! O agente *Matta*, meu auxiliar dizia: E' quasi adivinhar, desculpe a immodestia! Ora escute!...

Os seus olhos brilhavam muito por detraz dos vidros redondos dos grandes oculos e de seguida *Jacob* — o Velho Mestre da Policia — começou a dizer-me na sua voz, agora alegre, logo amortecida nas passagens mais dolorosas d'essa sua descoberta:

A CHAVE DA PORTA A CHAVE DO MYSTERIO
OS CUNHOS DA MOEDA COMO JACOB DESCOBRIU O LOGAR DE QUE TINHA A CHAVE

Que ia eu fazer com aquella chave?! Como podia provar que elles tinham falsificado as estampilhas? Não havia a confissão, não sabia onde estava a machina na qual ellas tinham sido fabricadas.

Todos os dias fazia interrogatorios e recebia sempre a mesma resposta do *Pera de Satanaz*:

— Não sei, sr. Jacob... Não fui eu!...

O *Abade* esse amodorrava por detraz das grades do calabouço; parecia preocupado, dizia-me:

— Não entrei em cousa alguma n'isso...

Aquella peça de serrallheria de que possuia o desenho dava-me a certeza de que tinham sido elles.

Tratava-se de se descobrir a casa onde se guardavam as machinas, tratava-se de encontrar o processo por que se fizera a falsificação.

Na sua costumada forma, perguntava-me:

— Como iria o senhor, apenas com uma chave, chegar ao fim da meada?!

Fiquei perplexo; não sabia realmente que fazer n'uma cidade enorme, senhor d'uma chave a qual devia servir n'uma

porta n'esse ambito em que havia milhões d'ellas. O agente *Matta* parecia procurar no meu rosto a solução, continuou o velho *Jacob*.

Uma manhã entrei no commissariado com um sorriso nos labios, fiz-lhe um signal para que me acompanhasse e comecei a caminhar por uma infinidade de ruas. De vez em quando parava, olhava um papel, subia uma escada, batia e deante das pessoas que me appareciam ia experimentar a chave nas fechaduras das portas exteriores depois de perguntar se tinham alugado algum quarto ou indaga-



O Pera de Satanaz

va dos senhorios se tinham cedido algum andar.
O Matta ao cabo de tres dias d'essa peregrinação disse-me:

—Sr. Jacob, vamos assim correr todas as casas de Lisboa?!

Nos seus olhos parecia haver o receio de envelhecer n'aquella tarefa de Judeu Errante comico com uma chave na mão em busca d'uma fechadura. Eu sorria, não lhe dava mais resposta do que pôr-me a caminhar. Andava desolado o pobre do rapaz.

Ao quarto dia, dirigi-me para o beco do Monte depois de ter vindo de S. Pedro d'Alcantara e prompto a ir para o Caminho de Ferro.

O Matta devia julgar que eu estava doído para assim andar saltando d'um ponto a outro da cidade.

—Mas, sr. Jacob,— perguntei então,— para que fazia isso?!

—Para achar a casa onde a machina devia estar escondida...

Depois, como visse que eu estava tambem pasmado, exclamou:

—Socegue que eu lhe explicarei a que idéa obedecia. Ia pois entrando no beco do Monte.

Bati á porta da casa n.º 6, no 1.º andar. O Matta, caçado, ficou na rua e entretanto, eu, para a mulher que apparecera, perguntava:

—A senhora não alugou aqui um quarto?!

—Não, senhor... Eu não tenho hospedes!...

Fixei-a; bradei com segurança:

—Para que mente?!

—Mas, sr. Jacob, como só teve ali esse ar de segurança?!

—Da negativa da mulher...

—Porém já outras tinham negado tambem, ao que parece.

—Nenhuma...

—Mas é phantastico... Como sabia o senhor que essa mulher alugava quartos?!

—E' o meu segredo... Eu lh'o explicarei de seguida...

Sentia-me cheio d'um interesse sempre crescente e elle tornava:

—Disse, pois, á mulher que sabia muito bem que ella alugara um quarto e que ia ter d'isso a certeza. Puxei da chave; ia experimental-a nas portas

exteriores. Ella collocou-se na minha frente e então desci uns degraus; em voz ribombante ordenei ao Matta que fosse chamar dois guardas.

N'esse momento a mulher disse-me d'um sobresalto:

—Pois bem! E' verdade! Aluguei aqui um quarto... Mas como o soube?!

Gostei de vêr nos seus olhos aquelle terror de confissão que era o meu premio ao fim d's fadigas, e guardei o segredo enquanto ella dizia:

—O meu hospede veio aqui duas ou tres vezes... Depois não voltou... Deixou ali umas cousas...

Achava entrou n'uma fechadura; eu estremecei d'alegria. Conseguira achar entre o milhão de casas de Lisboa aquella que procurava.

—Porém, como fez isso?!

—Já o vae saber— exclamou radiante.— A chave deu a volta e eu com uma enorme alegria via a um canto uma machina inteira; no chão umas latas de tintas e dois ou tres carimbos com a effigie de El-Rei D. Luiz.

Achára o ninho dos falsificadores. Agora que restava?!

—Concluirei a sua busca... Elles diriam o resto...— volvi eu com pasmo.

—Ah! Carecia do cumplice!— gritava o velho entusiasmado e, continuando:— Havia ali tambem papel; a machina tinha o instrumento de picotagem de que eu possuia o desenho. E deante do Matta, perplexo, começava a contar os papeis de estampilhas que ainda encontrei. Canceei-me de contar. Elle ia contando outros. Levámos tempo e a mulher olhava-nos cheia de terror.

Eram cento e trinta

e nove mil as estampilhas!...

—O sr. Jacob, mas como fez a descoberta, pedi impaciente.

—Já vae vêr— volvou com a vontade enorme de me fazer uma surpresa.

Analysei então os carimbos, as tintas, e um pequeno signal que havia na chancellá e disse:

— Isto é da Casa da Moeda!...



O agente Matta, auxiliar do Jacob

O Matta encarava-me, eu pedia-lhe silencio; mandei-o guardar aquillo tudo emquanto não voltasse e elle perguntava-me:

— Mas como descobriu esta casa?! Estava tão impaciente como o senhor parece estar agora! — disse-me com o eterno ar d'analyse, que conserva na sua velhice, accrescentando:

— Eu lhe explico! Senhor d'uma chave, carecia d'uma fechadura. Poderiam ter-a mudado mas tinha um meio infallivel de a encontrar. . .

— Como?!

— Depois d'umas noites em que mal preguei olho cheguei a um expediente! Quando os jornaes começaram a falar do crime de falsificação pensei que houvera um alarme nos culpados e que elles deviam esconder bem os machinismos. Comprei os jornaes d'esse mez e do anterior. . . Recortei d'elles todos os annuncios relativos a quartos que havia

Mas antes d'isso, agora senhor da situação, quiz falar ao *Abbate*— tornou Jacob.

Estava á porta do calabouço e parecia abatido:

— Olá, rapaz. . . Quem é o homem da Moeda que roubou os carimbos que eu fui encontrar agora?

† Deu um pulo; nos seus olhos marcou-se o mesmo terror.

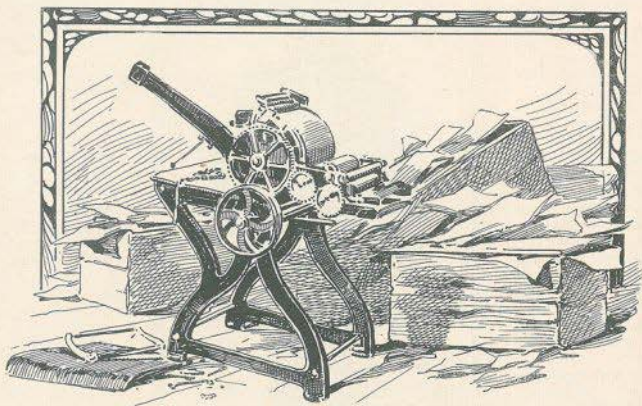
— O homem! Ah! sr. Jacob! Mas. . .

Instei com elle; contei-lhe a descoberta e então na sua cara com o pismo, correram lagrimas:

— Sei que vou degredado. . . Sr. Jacob! Vejo que sabe tudo. admiro-me da maneira como descobriu. Com effeito foi um homem da Moeda que trouxe os carimbos. . .

— O seu nome?!

— Não sei. . . conheço-o. . . O *Pera de Satanaz* viu-o no Limociro onde elle fôra visitar um amigo. . . Falaram. . . Procurou-o mais vezes, insistiu para



Vi uma machina inteira, no chão umas latas

para alugar e tambem de casas em bairros afastados e de rendas baixas!

— Oh! mas é extraordinario! — bradei, devéras assombrado.

O velho chefe de policia, satisfeito com a minha admiração, tornou:

— Tratava-se de as correr todas e se chegasse ao fim sem saber cousa alguma outro meio se arranjará! Ora ahí tem o segredo das minhas travessias pela cidade! Faltava-me meia duzia de quartos a percorrer quando aquella negativa da mulher me sobresaltou. Pois se ella tinha annunciado o aluguer do quarto para que o negava?! Ora ahí tem como cheguei á descoberta.

Devéras impressionado com aquella fórma habil de chegar a um fim, perguntei-lhe:

— E o cumplice?! . . .

— Já lhe disse que analysando os carimbos vi terem os signaes particulares da Casa da Moeda! Logo era ali que devia ir buscar o criminoso entre algum empregado que os tivesse roubado!

que lhe explicasse como se faziam estampilhas. . .

Pediu-lhe as tintas e uns carimbos para vér! O rapaz — valha a verdade — não queria trazê-los. . . Mas o diabo tece-as. . . Trouxe-os. O senhor sabe o resto. . . — E agora — exclamou a chorar: valha-me não a mim que estou perdido mas a alguem que não tem culpa. . . A' minha sobrinha. . . E' uma creança! Arranje para a metterem n'um asylo. . . E' nova! A miseria leva a gente a cousas medonhas! Sirvalhe de padrinho. . .

Prometti-lhe ali solemnemente que a protegeria, que a collocaria n'um asylo.

Mandei sahir o *Abbate* para fóra do calabouço e levei-o com tres guardas á paisana para defronte da Casa da Moeda para me indicar quem era o culpado. Apontou-m'no no momento da sahida. Prendi-o! Vi-o a chorar como uma creança que era. . . Teria 19 annos. . .

— Ah! Algum que se tornou celebre! . . . O seu nome!

Jacob olhou-me e murmurou:

— Elle está regenerado! Ainda outro dia o encontrarei... Nós também temos coração, meu amigo... Deixe-me guardar esse nome e escute agora o fim de tal aventura.

A casa onde estavam os objectos ficou guardada durante a noite.

O Matta estava alegríssimo; agarrava-se a mim dizendo que eu adivinhava. No dia seguinte de manhã fui para o commissariado. Fernando Leite, com um ar desolado, disse-me:

— E esse negocio do *Pera de Satanaz*!...

— Sa v. ex.^a me quizesse acompanhar!... Ha uma cousa importante!

Mettemo nos n'um trem que mandei bater para o beco do Monte e quando abri a porta e lhe mostrei os objectos, os instrumentos da falsificação exclamei:

— A chave do mysterio estava na chave da porta!

Elle — o bom senhor — abriu-me os braços, depois de lhe contar o que fizera e apertando-me ao peito, tratando-me por tu, no seu entusiasmo disse:

— Jacob! não hei de morrer sem te fazer chefe!...

Com effeito assim foi... Morreu o meu pobre commissario... Eu cá estou ainda e sou chefe... mas um chefe que já não pe de ir descobrir crimes!...

E o velho baixou a cabeça e disse muito baixinho:

— Ah! Só queria estar ainda ali no Juizo de Instrução a interroga-los... Tenho saudades... muitas saudades!... Oh! Que bom foi ouvir o *Pera de Satanaz* sem poder negar, dizer n'um impeto:

— O senhor adivinha! O senhor é o diabo!

ALGUNS CASOS COMICOS ♣ COMO OS LADRÕES VÃO TER COM O JACOB ♣ O QUE HA NO FORRO D'UM CHAPÉU

Tenho muito ainda para lhe dizer, meu amigo, mas já lhe contei os mais extraordinarios casos. Os outros são cousas que qualquer policia descobriria com mais ou menos trabalho.

Não acreditamos na sua affirmação, porém, dei-

xamol-o guardar casos de descobertas de criminosos nos quaes não havia peripetias dramaticas.

O velho amigo tornára-se muito alegre n'esse dia e exclamára:

— Tenho-lhe contado para ali só miserias, só cousas em que ha sangue, lama, roubo, criminosos que choram, ladrões e falsificadores que davam cancoiras para lhes provar os crimes e que me obrigavam a grandes trabalhos de busca e a procurar recursos por todos os meios. Agora quero contar-lhe dois casos comicos, porque hoje estou para rir.

Esfregou as mãos, chegou a sua cadeira para o canto da janella em busca d'uma restea de sol e perguntou:

— Sabe d'algun caso em que os ladrões tenham ido ter com os policias?!

Dei um salto na cadeira e soltei uma gargalhada:

— O que?! Isso é possível?

— Eu lhe conto! — e pôse a rir tambem de muito bom humor.

Foi em 84. Eu sabia que andavam ali uns individuos enganando os provincianos. Logo que lobrigavam algum olhando as montras acercavam-se e entravam de conversa. Primeiro chegava um d'elles, dizia duas ou tres cousas e d'ahi a pouco já estava no coração do homem zinzinho.

Apparecia então o segundo e cortezmente perguntava se conheciam o sr. padre Guimarães para o qual trazia uma encomenda do Brazil! Nada menos que duzentas libras!

Aquelle padre era um homem muito virtuoso! Seu tio mandava aquelle dinheiro para elle fazer obras de caridade! Convidavam-se logo para beber. Indagavam dos teres uns dos outros e ao cabo d'um momento o que vinha do Brazil arranjava meio de metterem na mesma mala os seus haveres. O provinciano, desconfiado, não queria, mas elles entregavam-lhe a mala e as chaves. O homem rejubilava com esta prova de confiança e accedia. Quando metiam o dinheiro na mala tiravam o do provinciano e deixavam lá cartuchos de latão...

(Continúa)

ROCHA MARTINS.



A chave do mysterio estava na chave da porta

FIGURAS E FACTOS



A NOVA GRANDE ESCADA DE INCENDIOS FUNCIONANDO PELO GAZ COMPRIMIDO.—Em um recente concurso realizado em Londres foi apresentado o novo modelo de escada para incêndios funcionando por meio de gaz comprimido, de que apresentamos a photographia, e que nas experiencias feitas deu o mais lisonjeiro resultado.

Na Inglaterra, como se sabe, o serviço de socorros contra incêndios está admiravelmente organizado, mas, apesar d'isso, constantemente se empregam esforços para o aperfeiçoar ainda mais e tornar cada vez mais prompto e rapido, sendo este o desiderato a que visa a nova escada.

ATHOS, CÃO DA POLICIA BELGA.—O cão é um animal cujos credits de intelligencia e perspicacia estão reconhecidos, tendo mais de uma vez sido sujeitos a prova; não admira, por isso, que tivesse surgido a idéa de utilisal-o como auxiliar na policia das cidades, depois de lhe ter explorado aquellas qualidades em tantos outros empregos e serviços que o nobre animal desempenha sempre dedicada e habilmente.

A policia belga aproveita de ha muito os cães para tal fim, e em Paris, onde se realisou agora um concurso de cães policias no Velodromo Buffalo, pensa-se em seguir o mesmo exemplo, visto os resultados lisonjeiros até aqui obtidos.



Orchestra Rillori, tournée, de S. Paulo (Brazil) Ao centro vê-se o cantor portuguez D. Francisco de Souza Costinho (Rio)

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs. broches a 800 rs., brincos a 1\$000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

NÃO CONFUNDIR A NOSSA CASA
Rua de Santa Justa, 96
JUNTO AO ELEVADOR

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrelinho (Thomar), Fendeo e Casal d'Hermito (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

Escritórios e depositos

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado — Porto — Lisboa, N.º telephon 208



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, afirmosados, fortificados com as **Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum a saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratle, Ph. 5, Passage Verdeau, PARIS. Frasco com instruções, 1\$500 rs. Franco para vale do correio, enviado a J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA

Parfumerie

AZUREA

L.T. PIV&R - PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromancia e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias chiromancia, phronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem prestasse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Ca consulta: diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 4\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.



Violet SABÃO REAL DE THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"

NOUVEAU PARFUM
PRINCEIA VIOLET
23, B. des Italiens, PARIS



AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

Portvgalia

Materiaes para o estudo do povo portuguez
ESTÁ PUBLICADO O 7.º FASCICULO
***** 3.º DO TOMO II *****

In 4.º peq., 192 pagas., 16 planchas e 105 illustrações no texto em zincographia, similigravura, phototypia e chromolithographia

DIRECTOR — RICARDO SEVERO
REDACTOR EM CHEFE — ROCHA PEIXOTO
SECRETARIOS — FONSECA CARDOSO
JOSE FORTES

Assumptos: Estações pre-romanas da bacia do Mondego. — Sepulturas lusitano-romanas do norte de Portugal. — Um thesouro proto-historico. — Bracelete e collar de ouro ibericos. — Um esconderijo de machados de bronze. — Castros luso-romanos. — Nummaria. — Epigraphia lapidar. — Genése das povoações maritimas. — Regimen pastoril dos povos do Gerez. — O vestuário serrano. — A pesca fluvial e seus engenhos populares. — Uma olaria beirão. — Ceramica artistica; os azulejos. — As grimpas e os cataventos. — Musicas populares portuguezas. — Folklore beirão e transmontano. — Os mortos illustres. — Noticias. — Bibliographia.

A' venda nas principaes livrarias do paiz

Preço d'este fasciculo, avulso: 1\$500 réis Redacção: Rua do Conde, 21 — PORTO

Deposito no PORTO: Livraria **Lello & Irmão**, Rua das Carmelitas, 144
Em LISBOA: Livraria **Ferreira**, Rua Aurea, 132 a 138

SOCIEDADE DE
SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde Social:

RIO DE JANEIRO

FILIAL EM PORTUGAL: Largo do Camões, 11, 1.º — LISBOA

A Equitativa dos E. U. do Brazil

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torral, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GERENTE: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sortelo semestral em dinhelro, unicamente adoptado pela **Equitativa**. Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolloes, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000.000 RÉIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto — 20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça — 20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa — 20899, José João Telhada, Santarem — 20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça — 20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz — 20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa — 20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima — 20615, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa — 21539, José Antonio Rodrigue., Bombarral — 22050, João Garcia Augusto, Estremoz — 20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha — 21950 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede — 22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas — 21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de TABELLAS DE PREMIOS-PROSPECTOS e outras informações que forem dirigidos á

FILIAL DE

A Equitativa dos E. U. do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA